

ADOECER /A DOR É SER: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE TRABALHADORES DOCENTES E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE ADOECIMENTO

Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Marla Vieira Moreira de Oliveira
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Francileuda Farrapo Portela
Faculdades Luciano Feijão

RESUMO

O trabalho que ora apresentamos é um estudo que relaciona o ser com o adoecer, numa perspectiva existencial e social, subjetiva, mas objetivamente materializada nos discursos. Esse discurso que circunda a docência sempre girou em torno de vocação, missão, amor, salvação e autores como Ciampa (2001), Dejours (1994), Deleuze (1992), Esteve (1999) e Hypólito (1999) nos ajudam a romper com essa perspectiva cristalizada do discurso sacro como identificador da docência. A presente pesquisa pretende-se de caráter qualitativo e embora em estágio embrionário, alguns indícios apontam para o fato de que, para além de um mal funcionamento do organismo ou simples estresse, os processos de adoecimento docente (inclusive os físicos) estão ligados às dimensões da existência e ao fato de esta ser fixada pelos discursos e por normativas oficiais que apontam para uma perspectiva imutável da identidade docente.

Palavras-chave: Adoecimento. Identidade. Docência.

INTRODUÇÃO

O tema do adoecimento dos profissionais docentes tem sido explorado por inúmeros pesquisadores nacionais e internacionais, por muitas vezes abordados por um viés orgânico. Também há pesquisas que tratam a temática por um viés social ressaltando a vulnerabilidade social e os conflitos entre professores e alunos como fator adoecedor.

Buscando uma abordagem diferente. O que nos propomos a fazer é um estudo que relaciona o ser com o adoecer, numa perspectiva existencial e social, subjetiva mas objetivamente materializada nos discursos, considerando que como nos diz Deleuze (1992) cada vez mais os

discursos se diluem e as práticas disciplinares são substituídas por práticas de controle que, por não serem claras, dificultam a resistência, o que talvez agrave as condições de adoecimento.

O interesse em pesquisar tal temática surgiu a partir do momento em que passamos a trabalhar na educação básica e, conseqüentemente sermos bombardeados pelos discursos oficiais que exigem posturas e uma suposta essência docente como meio para atingir as metas e elevar os índices educacionais.

Esperamos com este estudo contribuir para um novo olhar acerca da profissão docente, sobretudo no que se refere às questões de identidade/subjetividade e adoecimento desses profissionais na sua relação com a sociedade neoliberal.

Para tanto objetivamos conhecer os caminhos de construção da identidade/subjetividade docente da educação básica e sua relação com o processo de adoecimento dos trabalhadores docentes; identificar os principais conflitos vividos pelos docentes no desempenho de sua função; categorizar as retóricas acerca da docência presentes nos discursos oficiais, nos planos de ação, nos projetos desenvolvidos e no processo de formação permanente para o magistério e verificar a relação existente entre as exigências acerca do “ser” docente e o adoecimento desses profissionais.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

A presente pesquisa pretende-se de caráter qualitativo que, segundo a compreensão de Maanen (1979, apud. NEVES, 1996, p. 68),

compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Como metodologia elegeu-se o estudo de caso pois “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 89), tendo como população os professores da educação básica das séries alvo de avaliações externas da cidade de Sobral, Ceará.

Elegemos como um dos instrumentos principais para a coleta de dados a técnica de Grupo Focal. A intenção é realizar grupo focal com uma representação de cada série do ensino fundamental de 1º ao 5º ano, realizando encontros com duas escolas por vez, em seguida grupos

focais com gestores e formadores, tendo como norte tópicos guia específicos para cada grupo. Pela ocasião dos grupos focais, solicitaremos aos participantes a permissão para utilizarmos meios de gravação como recursos necessários ao registro de informações.

A escolha da técnica de grupos focais se deu pelo fato de que ela possibilita focalizarmos a pesquisa e a formularmos questões mais precisas, além de nos aproximar de questões acerca das crenças, atitudes e percepções de dado grupo (MINAYO, 2000).

DISCUSSÕES

Percebe-se que as frenéticas mudanças ocorridas no contexto social tem favorecido um aumento de responsabilidade para os profissionais da educação, sobretudo para os docentes. A essas transformações no meio social se ajuntam as exigências constantes acerca da elevação dos índices educacionais a qualquer custo, o que acaba favorecendo o surgimento de alterações na saúde física, emocional e psíquica dos professores (ESTEVE, 1999), sobretudo da Educação Básica.

Além disso, esses profissionais tem que administras questões de ordem financeira devido aos baixos salários, a violência, desvalorização por parte da sociedade e más condições de trabalho. Essa relação entre condições laborais e adoecimento está presente no pensamento de Dejours (1994) ao nos dizer que devido ao fato de o trabalho ser algo que contribui para a autorrealização do homem, no momento em que seu agente se depara com a impossibilidade de ser criativo e autorrealizado nas atividades laborais, este se torna fonte de sofrimento, desencadeando conflitos emocionais e adoecimento.

Se considerarmos que o trabalho é constituidor de identidades, sobretudo porque possibilita status, reconhecimento e dignidade, também devemos considerar que profissões precarizadas, como o caso da profissão docente, podem fortalecer a difusão de uma identidade fixa, muito mais fundamentada na perspectiva de personagens sociais a serem desempenhados e cobrados pelos discursos que lhes legitimam, sem possibilidade de ser outra coisa.

É nesse contexto que nos propomos a pensar trabalho, identidade/subjetividade e adoecimento numa dimensão social, considerando a perspectiva de Ciampa (2001) ao propor identidade como metamorfose.

Embora a presença do professor seja bastante antiga nas sociedades ocidentais, ao menos no que se refere à realidade brasileira estes só bem recentemente foram vistos como uma categoria

profissional. O discurso que circunda a docência sempre girou em torno de vocação, missão, amor, salvação. Parece que, ao serem expulsos do Brasil por Marquês de Pombal (CARVALHO, 1980), os Jesuítas deixaram de herança para seus sucessores (os professores) seus hábitos¹ e com eles o sacerdócio.

RESULTADOS EM PERSPECTIVA

Através de discurso legitimados, por muito tempo, os professores tiveram suas práticas ligadas a algo quase divino e, reivindicar salários, questionar as proposições de trabalho ou suas condições, bem como pensar em desistir porquê algo melhor poderia existir para fazer, era quase um sacrilégio. Sem falar que todo um discurso sobre como deveriam agir (modo de falar, reagir, emocionar-se, etc.), que lugares deveriam ir e até mesmo como deveriam se vestir direcionavam e direcionam, não só as práticas docentes, mas um suposto “ser docente”.

Nos últimos tempos o professor conseguiu inserir-se no mercado com trabalhador, embora ainda se escute os mesmos discursos sacros. Mas também, ao mesmo tempo em que se tornou trabalhar, é tragado pelo capitalismo como mais uma categoria para consumir e se enquadrar dentro da lógica de trabalho regido por este sistema econômico. Dessa forma,

As transformações advindas da nova organização do capitalismo geraram o que se convencionou chamar ‘crise da sociedade do trabalho’, uma vez que deram início ao questionamento sobre o sentido e o lugar do trabalho na estrutura social bem como seu impacto na construção subjetiva do trabalhador. É o processo de mudança que constitui o que denominamos precarização. (AQUINO, 2005)

Sob os aspectos das políticas públicas para o trabalho docente, tivemos com a lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, uma proposta de valorização do magistério que apontava para a urgência em se criar planos de cargos e salário e um piso para o salário dos docentes a nível nacional. A princípio isso parece contradizer o que trouxemos até agora, uma vez que aparenta um caminho oposto ao da precarização. Mas se consideramos o pensamento de Oliveira (2004) que diz que “se nos anos de 1960 assiste-se, no Brasil, à tentativa de adequação da educação às exigências do padrão de acumulação fordista e às ambições do ideário nacional-desenvolvimentista, os anos de 1990 demarcam uma nova realidade: o imperativo da globalização” (p. 3), podemos especular que consequências teriam essas mudanças pra a categoria profissional dos docentes, sobretudo com o surgimento de mecanismos de controle da própria prática como o SAEB,

¹ No sentido de vestuário

o ENADE e outras formas de incidir sobre a ação docente, obter índices a qualquer custo ou determinar o financiamento da educação.

Também é importante considerarmos que a forma como o artigo da LDB vem sendo tratado, segundo Hypolito (1999) revela que a promessa de profissionalização, por vezes apresenta uma dimensão disciplinadora, controladora e ideológica, uma vez que sempre se mantém no âmbito da promessa, e enquanto nada se torna concreto, o que vamos tendo é a afirmação de uma profissionalização, com todas as exigências de formação inicial e continuada, de excelência no desempenho cotidiano e na “produção” de alunos mais capazes, sob condições materiais e laborais precárias e incompatíveis com a ideia de profissionalização.

O cenário educacional brasileiro, tomado pelos ideais neoliberais, apresenta-se como ambiente propício para discurso de ser e vir a ser como forma de atender aos interesses do sistema. E os docentes se tornam vulneráveis a esses discursos, sobretudo devido a fragilização da docência como uma profissão precarizada, super-responsabilizada pelos maus índices da educação, e à medida que os professores tem que abrir mão de seus fins de semana para dar conta da imensa burocracia que tomou conta da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora este estudo seja embrionário, alguns indícios apontam para o fato de que, para além de um mau funcionamento do organismo ou simples estresse, os processos de adoecimento docente (inclusive os físicos) estão ligados às dimensões da existência e ao fato de esta ser fixada pelos discursos e por normativas oficiais que apontam para uma perspectiva imutável da identidade docente.

Em vez da possibilidade de escolher, os professores são levados a assumirem um papel social e um caminho de formação inicial e continuada que, muitas vezes, servem para satisfazer os índices, mas não vão de encontro aos sonhos e desejos do docente que, para se sentir bem e estar saudável, necessita, como já falamos, encontrar em seu trabalho uma oportunidade de autorrealização. O adoecimento docente parece despontar como forma de resistência frente às imposições discursivas geradoras da dor de ser docente.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, C. A. B. **Reflexões sobre a precarização laboral: uma perspectiva da Psicologia Social.** In: II Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2005, São Luis. Anais da II Jornada Internacional de Políticas Públicas.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Coimbra: Porto editora, 1994.
- CARVALHO, J. Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- CASTEL, R. As metamorfoses do trabalho. In: FIORI, J. L.; LOURENÇO, M. S.; NORONHA, J.C. (Orgs.) **Globalização: o fato e o mito.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DEJOURS, Christophe. **A carga psíquica do trabalho.** In: DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** (Trad.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- ESTEVE, José Manuel. **O mal – estar docente: a sala – de – aula e a saúde dos professores.** São Paulo: Edusc, 1999.
- HYPOLITO, Álvaro M. **Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado?** In: VEIGA, Ilma P. A. e CUNHA, Isabel da (Orgs.). **Desmistificando a profissionalização do magistério.** Campinas: Papirus, 1999.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.
- NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades.** In: Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, v.1, n.3, 2º sem. 1996.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A Reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614.pdf>> Acessado em 16 de junho de 2011.